



Felicidade, por que não?

Sandra Viola¹
s.viola@terra.com.br

Resumo: Este artigo aborda a questão da felicidade pela via da contingência opondo a transitoriedade do gozo à nostalgia do infinito como objeto absoluto. Confronta também a interpretação freudiana do mal estar no artigo "Sobre a transitoriedade" com a leitura lacaniana do encontro possível diante da impossibilidade da relação sexual.

Palavras chave: felicidade; contingência; objeto a; sintoma.

Abstract: The article covers the happiness issue in relation to contingency. It opposes the transience of pleasure to the nostalgia implied in the infinite as an absolute object. It also confronts the Freudian interpretation on discontents, present in the article "On Transience", with the Lacanian interpretation on the possibility of an encounter faced with the impossibility of the sexual relation.

Key words: happiness; contingency; object a; symptom.

Lacan sempre insistiu em dizer que a psicanálise não é eterna; a prática, a teoria e a transmissão se diferenciam no tempo. O real impõe respostas simbólicas e imaginárias que fazem consistências como sintoma de uma época. Se a psicanálise estiver à altura de tratar o sintoma social, ela continuará existindo.

Se o sintoma se diferencia em sua relação com o real, também se diferencia a perspectiva da psicanálise sobre a felicidade.

O texto maior sobre este tema, na obra freudiana, é "O mal estar na civilização", de 1924, momento em que Freud reafirma o que, a nosso ver, de algum modo já dissera em 1916, no artigo "Sobre a Transitoriedade". Somos feitos de maneira a

extrair prazer intenso do contraste, e não de um estado de coisas que perdure. Passível de manifestação, a felicidade pode ser experimentada, mas sua permanência é uma ilusão. Nesta perspectiva, a felicidade não está no programa da vida humana como uma condição.

A fragilidade de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, o poder superior da natureza e nossa relação com o semelhante, com a família e com a sociedade são as três as fontes de mal estar apresentadas por Freud. A seu ver, esta última é a origem de maior sofrimento, deixando-nos antever - como dirá mais tarde Lacan - que: "só o amor concede o gozo ao desejo"².

Como medidas paliativas para auxiliar no caminho da vida, Freud observa que lançamos mão de alguns derivativos poderosos, de satisfações substitutivas e do uso de substâncias tóxicas que nos tornam menos sensíveis às dificuldades. Sabemos, com ele, que nenhuma delas nos leva a alcançar a felicidade sonhada. Caberá a nós evitar o sofrimento, colocando a exigência de prazer em segundo plano.

Em última instância, para Freud o mal estar procede do desacordo entre a exigência pulsional irrestrita e a satisfação possível e é anterior ao sintoma que, como uma formação substitutiva do desejo sexual recalcado, fará um tratamento do mal estar. O recalcado, porém, insistirá sempre no retorno e a cada retorno o sujeito será convocado a uma nova substituição, que poderá, inclusive, ser a mesma. Sob o prisma freudiano, o mal estar, portanto, ex-siste ao sintoma como substituto do desejo recalcado. A civilização impõe o princípio de realidade a restringir o princípio de prazer; a experiência de satisfação pulsional é sempre de caráter parcial, e a felicidade não é protagonista no teatro da existência.

Lacan situará o mal estar não como efeito da civilização sobre a pulsão, mas como efeito da linguagem sobre a estrutura, por não haver proporção sexual. Em seu último ensino, não há nada de traumático além da linguagem, nada extralingüístico. O trauma deixa de ser anterior ao sujeito, como queria Freud em sua concepção do mal estar, para ser aquilo que pode surgir como efeito do furo produzido pela incidência de um significante fundante. Desloca-se, portanto, a perspectiva do trauma. Sua causa é a própria linguagem, o que nos leva a dizer que há simbólico no real³.

Sob a perspectiva lacaniana, o mal estar é efeito da ação do encontro do homem com o significante. "O significante é particularmente responsável pela não relação sexual entre os seres humanos"⁴. A incidência da linguagem no corpo configura, nas margens do real, uma borda imaginária e simbólica. Nesta borda o sintoma consiste, como necessário, para fazer véu ao sexo, à não relação sexual. Como aponta Heloisa Caldas em "Arte de viver":

[...] por estrutura, ele se define como a deriva em si que constitui a borda do real. O que por rigor implica que o sintoma seja, na concepção lacaniana, o mal-estar na cultura, e não a saída para ele como queria Freud⁵.

Enodando real, simbólico e imaginário, o *sinthome* é, ele mesmo, fonte de mal estar e um arranjo singular que já anuncia uma solução possível, na medida em que guarda a história do sujeito e seus traços únicos. A partir destes traços, destas marcas singulares, novas soluções poderão advir, poderão ser criadas.

Transitoriedade e Contingência

Em seu escrito lírico "Sobre a Transitoriedade"⁶, Freud descreve uma experiência na qual caminhava pelos campos das Dolomitas acompanhado de dois amigos. Recebeu com perplexidade e estranheza o comentário de um deles, um poeta, que se lamentava porque toda a beleza ali presente em breve feneceria. A maravilha do cenário e o esplendor da natureza estavam fadados, inexoravelmente, à extinção. Quando o inverno chegasse, todas as cores e exuberância iriam se apagar. O que o poeta amava e admirava lhe parecia, então, despojado de qualquer valor por causa de seu destino finito.

Freud conclui que a exigência de imortalidade é o que perturbava o poeta na fruição temporal dos objetos. O poeta não podia suportar a fugacidade das coisas e a idéia de que tudo é transitório lhe chegou como antecipação de sua própria morte.

Pedimos licença a Freud, pois gostaríamos de propor dois sentidos para o uso do termo transitoriedade, que apreendemos em nossa leitura de seu texto. Por um lado, parece-nos que Freud associa a idéia de transitoriedade à de finitude, tendo como referência a infinitude. Desse modo, o poeta teria como parâmetro, um objeto eterno, platônico, um *eidos*, uma coisa perfeita, um falo não contingente, um ideal. O poeta, afinal, sofria por atestar a impossibilidade de contar com a suposta e almejada infinitude, razão pela qual se lamentava. Lamentava a não eternidade do objeto. Por outro lado - e acreditamos que esta é sua preciosa idéia - Freud sobrepõe o transitório ao finito, e afirma ser esta a causa de um valor maior para a fruição do objeto. É exatamente a fugacidade do objeto que pode elevar o valor da fruição, se tomarmos a finitude como possibilidade do novo: "O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição"⁷. Nesse sentido, o regime da transitoriedade implica não contar, em absoluto, com

qualquer idéia de infinitude, tal como vivida no cotidiano. E se a contingência tem a ver com a infinitude, será sob outro prisma. Não mais o da infinitude do objeto, como aponta Vieira:

Essa idéia de que haveria o gozo possível e absoluto é a questão. É sobre ela que incide o que Freud nos fala e não sobre a finitude dos objetos, afinal todos nós concordamos que os objetos são finitos⁸.

Um sujeito que passa por uma grave perda amorosa pode sucumbir a um estado melancólico. Pode também fazer um trabalho de luto, mantendo e sustentando todos os detalhes dos laços com o simbólico e com o imaginário para restabelecer a relação com o objeto a, para o qual será possível, mais à frente, dar um substituto de igual ou maior valor. E pode ainda tirar outras conseqüências. Um analisando nos relata uma mudança de posição, efetuada após fazer o luto da perda de seu pai. A partir deste encontro com o real, deixa de ser sempre aluno e inaugura uma posição de mestria.

Notemos, porém, que o modo de defesa do qual o poeta lança mão evoca, em Freud, a lembrança de suas concepções sobre a melancolia. Mas seria o amigo poeta um melancólico ou um sujeito nostálgico a suspirar pela infinitude das coisas? O poeta sofre de certa nostalgia do infinito e o falo não exerce sua função contingente.

Um ano após essa caminhada de Freud com seus amigos, irrompe o conflito da primeira guerra mundial. A tese de que o homem é lobo de si mesmo parece confirmada. No entanto, ponderamos que, por suas infinitas possibilidades de fazer com o finito do objeto, melhor dizendo: com o finito do gozo, pode manter a seiva vital e o entusiasmo.

Para tentar responder ao que seria a felicidade sob a perspectiva da psicanálise, queremos propor, então, uma articulação entre a transitoriedade do gozo e o falo como contingente.

Em *Mais Ainda* (1972-1973), Lacan sustenta que, diante do impossível da relação sexual, o sujeito só pode contar com o falo pela via da contingência:

O Falo - tal como a análise o aborda como ponto chave, o ponto extremo do que se enuncia como causa de desejo - a experiência analítica para de não escrevê-lo. É nesse para de se escrever que reside a ponta do que chamei de contingência⁹.

Fora da contingência fálica, a transitoriedade - a finitude - é experimentada pelo poeta como uma espécie de privação irreversível, capaz de "melancolizar". Foi pela via do necessário como sintoma/antecipação que o poeta deu tratamento a esta ponta de real: o objeto a. Na verdade, o poeta interpreta a fugacidade como privação, como capricho do Outro.

Em seu artigo, "O tempo como contingência na experiência analítica", Jésus Santiago, nos faz lembrar que:

[...] na psicanálise o real é sem lei porque a certeza que se obtém desse real está sempre condicionada pela contingência, pelo que se apresenta como não essencial e definitivamente variável¹⁰.

Pois bem, assim como o finito se coloca na e pela via da contingência, o transitório tem relação com o falo, e o falo é contingente. Digamos, então, que teríamos um finito-ilimitado em que um número finito de componentes produz uma diversidade praticamente ilimitada de possibilidades.

O real do inconsciente é a impossibilidade de escrever a relação entre os sexos, impossibilidade só demonstrada pela contingência do encontro possível. O amor, como suplemento à impossibilidade da não relação não se define, portanto, como complementação. O sujeito encontra o amor como possibilidade. E, por que não, também, a felicidade? Assim, a contingência é

[...] o que submete a relação sexual a ser, para o falante, apenas o regime do encontro. Só como contingência é que, para psicanálise, o Falo, reservado nos tempos antigos aos Mistérios, parou de não se escrever. Nada mais¹¹.

¹ Aderente da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) - Seção Rio de Janeiro.

² Lacan, J. (2005[1962-1963]). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

³ Laurent, E. (2002, junho/julho). "O Averso do trauma". *Virtuália - Revista digital da EOL*, (6). Recuperado em mar. 2007, de <http://www.eol.org.ar/virtualia>.

⁴ Miller J.-A. (2007, dezembro). "A estrutura cônica". *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (50), p. 29.

⁵ Caldas, H. (2008, julho). "A arte de viver". Publicado no boletim 03 do site do XVII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Psicanálise e Felicidade: Sintoma, efeitos terapêuticos e algo mais. Recuperado em jul. 2008, http://www.ebp.org.br/XVII_encontro_brasileiro/felicidade/boletim03_1.

⁶ Freud, S. (1969[1916]). "Sobre a transitoriedade" (1916). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

⁷ Idem. *Ibidem*, p. 346.

⁸ Vieira, M.A. [2007]. Aula ministrada no seminário "A política do sintoma" do Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro, em 2007. (Inédito).

⁹ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 126.

¹⁰ Santiago, J. (2004). "O Real sem lei e o tempo". In *O tempo, o objeto e o avesso, ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica.

¹¹ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*, p.127.